

IDENTIDADE NEGRA NOS AFOXÉS: A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES EM MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA CULTURAL

Renata do Amaral Mesquita¹

RESUMO: Os afoxés se configuram como grupos de afirmação da identidade negra, que ressignificam e constroem formas de resistir às relações assimétricas de poder e dominação. Nesse sentido, busca-se analisar como os espaços são reconfigurados dentro dos afoxés pelas mulheres, tendo em vista que, nos afoxés ainda existem limitações para as mulheres exercerem cargos e ocuparem posições de prestígio dentro do grupo. O projeto tem como base a pesquisa etnográfica, por meio da observação participante, e imersão no campo no sentido de ver, ouvir e acompanhar o cotidiano desses grupos. Na convivência, está sendo observada como se dá a participação das mulheres negras nos grupos Afoxés situados em Recife/PE, a partir da realização de visitas às sedes desses grupos, do acompanhamento de reuniões, ensaios, eventos, bem como a realização de entrevistas semiestruturadas, registros audiovisuais e revisão de literatura com interface de gênero, raça, identidade e cultura popular. Tendo em vista que existem poucos estudos empíricos acerca desse tema, espera-se compreender como as mulheres negras, participantes desses afoxés, percebem a influência dos mesmos no seu processo de autoafirmação e fortalecimento de sua identidade, bem como a forma pela qual se articulam, organizam-se e constroem suas próprias histórias.

Palavra-chave: Gênero, Cultura e Identidade.

1. INTRODUÇÃO

O Afoxé popularmente conhecido pelos brincantes como “Candomblé de rua” caracteriza-se como manifestação cultural afro-brasileira fundamentada nas religiões de matriz africana. Em yorubá significa “o enunciado que faz acontecer”. Segundo os autores Antônio Risério e Carneiro, tem origens dos remanescentes antigos cortejos dos Reis do Congo. É fundado por uma Yalorixá (mãe de santo) ou um Babalorixá (pai de santo), pessoas que zelam pelo orixá, tendo cada afoxé um orixá patrono, que traz consigo uma energia ancestral, seguida de cânticos que o evocam e exaltam. Tal expressão cultural configura-se, conforme aponta Certeau (1998) como espaços de micro resistências em que a população negra reinventa o seu cotidiano através de estratégias de sobrevivência em meio ao contexto em que estão inseridos,

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

ressignificando espaços, públicos ou privados, em seu processo de afirmação da identidade negra.

Baseando-se na ideia de quilombismo de Abdias Nascimento (1980), podemos dizer que o afoxé é uma forma de aquilombar, uma vez que o quilombismo advém da emergência de sobrevivência, diante do sistema escravista, podendo ser estruturado de diversas formas, tendo como força maior a “existência” e a “liberdade”. O autor aponta para a função social de organização, a partir das variadas redes de relações que se interligam em prol a sustentação da comunidade negra, conforme aponta Abdias (1980, p. 203): “(...) Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afochés, escolas de samba, gafieira, foram e são quilombos legalizados pela sociedade dominante”.

Nesse sentido, podemos dizer que os terreiros de candomblé, os afoxés, entre outros, é a representação ativa de estratégias de sobrevivência diante da agência desses sujeitos em meio a ressignificação e legitimação tanto da identidade negra quanto do que está atrelado ao negro, como religião, cultura, entre outros. Bem como explicita, Lélia Gonzales (1982; p.18) “a participação em movimentos populares etc., constituíram-se em diferentes tipos de resposta dados ao regime escravista”. Ainda que durante o Estado Novo, o povo negro tenha sido alvo de forte repressão, inclusive aos terreiros de candomblé, conforme aponta Pereira (1999; p.67) “A polícia tornou-se o principal agente de repressão durante o período e recebeu carta branca para tratar daqueles que foram considerados como inimigos do Estado. Invadiu e fechou terreiros, confiscou objetos rituais e, muitas vezes, prendeu os participantes”.

As estratégias de organização utilizadas pelos negros, advindo das ideias do pan-africanismo, na segunda metade do século XIX, conforme aponta Muryatan (2011/2012,) tinha como objetivo a positivação da memória da identidade negra, bem como a valorização dos africanos e de seus afrodescendentes internacionalmente.

Na América, a principal bandeira de luta era contra o colonialismo interno, assim como também, melhores condições de vida para com as comunidades negras, sobretudo contra a exotização do negro, dentro da cultura eurobranca, desconsiderando os negros dentro de um processo de construção de uma nação enquanto sujeitos históricos.

No Brasil, foram criados vários movimentos, dentre eles, o Teatro Experimental do Negro (TEN) em 1944, conforme Abdias Nascimento (2004) que buscou resgatar os valores enquanto seres humanos e toda sua bagagem de uma cultura ancestral negro-africana negada desde o período colonial por um sistema de dominação inferiorizava toda a raça negra. Seguido

do surgimento dos Cadernos Negros e do Movimento Negro Unificado (MNU) no final da década de 70. Após a criação do MNU, integrantes do movimento, segundo Monteiro (2008) e Ivaldo (2005), fundaram o afoxé Ilê de África, o que diferenciou de outros afoxés pelo fato das mulheres puderem participar.

Dessa forma, tendo em vista que, no Brasil desde o período colonial, a imagem de ser “negra/negro” está ligada à condição de inferiorização; as mulheres negras vivenciaram e vivenciam uma dupla opressão, dada sua condição de gênero e raça. Mesmo atuando significativamente como lideranças religiosas, políticas ou culturais, elas estão vinculadas à subalternização racista e sexista, consequência histórica da exclusão dos espaços de poder/decisão e por isso não aparecem como protagonistas de suas histórias. De acordo com a autora Lélia Gonzales (1988) o sistema escravista, colonial, no qual o negro era visto como um ser inferiorizado fez com que eles se unissem e lutassem contra essa ideia, sendo a força cultural uma possibilidade de resistir e manter-se vivo.

Nesse sentido, esse trabalho de cunho etnográfico, visa por meio da observação participante busca-se compreender como as mulheres negras, participantes desses afoxés, percebem a influência dos mesmos no seu processo de autoafirmação e fortalecimento de sua identidade. Dessa forma, ressaltar o protagonismo das mulheres negras, no fortalecimento e na construção política e identitária dos grupos, compreendendo assim, a forma pela qual se articulam, organizam-se e constroem suas próprias histórias, seja com projetos individuais ou coletivos.

2. METODOLOGIA

Esse projeto tem como base a pesquisa etnográfica, por meio de observação participante, e imersão no campo no sentido de ver, ouvir e acompanhar o cotidiano das mulheres participantes de grupos de afoxés Oyá Tokolê (Dois Unidos) e Omô Nilê Ogunjá (Ibura), ambos situados em Recife/PE.

De forma a contribuir na relação teoria e prática, busca-se no decorrer da pesquisa uma revisão de literatura tendo como fonte, bibliografias cujos conteúdos tenham interfaces com gênero, raça, identidade e cultura popular, bem como o registro durante as visitas o registro audiovisual, documentando a vivência das mulheres negras nesses espaços.

Na convivência, será observada como ocorre a participação das mulheres negras nesses grupos e de que forma esses podem contribuir para fortalecer o reconhecimento de sua identidade.

A observação está sendo realizada em duas etapas, sendo a primeira, a partir de visitas às sedes dos grupos, o acompanhamento desses em reuniões como a UAPE (União dos Afoxés de Pernambuco) ensaios, ações desenvolvidas pelos mesmos, bem como, apresentações realizadas durante pelos afoxés no período de um ano.

É importante ressaltar que, os afoxés desenvolvem ações junto à comunidade durante todo o ano, como oficinas de dança, percussão, roda de diálogos ligadas a temáticas que abordem negritude. Sendo assim, será realizada a coleta de dados, nos meses de janeiro e fevereiro, período que antecede o carnaval, e em março, onde ocorrerá os cortejos de carnaval, momento no qual os grupos terão maior número de apresentações, bem como, estarão reunidos em espaços simbólicos, como por exemplo, o “Encontro dos Afoxés” realizado no Pátio do Terço², onde negras e negros escravizados em outrora realizavam cerimônia aos seus antepassados.

No segundo momento, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com as integrantes nas sedes dos grupos, assim como também, conversas informais com mulheres e homens participantes de afoxés, bem como a análise dos dados coletados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de algumas incursões ao campo, no primeiro semestre de 2018, durante observação dos ensaios e apresentações realizadas no Recife, percebe-se que a participação das mulheres nos Afoxés ainda tem interdições, especialmente no que diz respeito a ocupação de cargos de prestígio e poder, como também tem limitações para tocar determinados instrumentos, estando as mulheres mais presentes na dança e tocando instrumentos específicos, como abê, e poucas tocando o agogô.

Nesse sentido, os afoxés se manifestam como espaços de resistência e fortalecimento para as mulheres, entretanto, os homens utilizam da religião para justificar a limitação das mulheres em ocupar espaços dentro do afoxé, como diz Monteiro (2008, p.3) “os conflitos

² Encontro dos Afoxés, realizado no domingo de carnaval, um dia antes da Noite dos Tambores Silenciosos, no Pátio do Terço, local que remete a memória ancestral negra.
Ver mais: <https://memoriaescravaidaope.wordpress.com/2017/09/18/patio-do-terco/>

naturais dessa dinâmica (...) quando não exclui, limita a participação das mulheres”. Segundo Joan Scott (1989), a leitura de gênero vem opor-se ao determinismo biológico, descartando a ideia de que a natureza é responsável pelas desigualdades. E ainda, essas se reproduzem em relações de poder que privilegiam e estabelece os homens como superiores, seja no âmbito social, político ou cultural.

Nesse ano de 2018, foi verificado no campo uma grande inovação, a criação de um afoxé, formado apenas por mulheres, assim chamado de “Afoxé Mulher”, surgindo durante uma reunião da UAPE, ocorrendo sua primeira apresentação no mês de julho de 2018.

A partir disso, surgiram algumas indagações que deverão ser destrinchadas no decorrer do campo, tais como: a criação de um afoxé de mulheres; a forma na qual essas mulheres vêm se organizando e, como a organização feminina reconfigura em tais espaços. Em 2008, Ester Monteiro em seus estudos sobre afoxés, já apontava para uma organização de segmentos negros, principalmente no tocante às mulheres negras, o que reforça esse movimento atual.

Em relação à identidade negra, o campo possibilitou algumas reflexões acerca da importância dos movimentos de resistência cultural, seja ele o coco, maracatu, o afoxé, no processo de construção de identidades e fortalecimento da mesma. A partir de uma roda de conversa um interlocutor apontou que existem comunidades que de fato esses movimentos ainda não se encontram presentes, no sentido de pessoas não terem conhecimento sobre o que vem a ser coco, maracatu, afoxé, entre outros. Demonstrando uma preocupação no sentido tanto da continuidade de uma história, assim como também dessa manifestação está presente nas comunidades, uma vez que desenvolvem trabalhos no sentido de uma educação cultural, social e racial.

Dessa maneira, é pertinente concordar com Munanga (1988) no tocante às identidades, como sendo um processo que aflora a partir do momento em que os indivíduos tomam consciência enquanto sujeitos, seja de fatores históricos, políticos, culturais.

Nesse sentido, nota-se que a participação das mulheres negras dentro dos Afoxés se dá por uma relação de atração e afinidade, de consciência histórica, que remete às suas raízes à sua relação do passado com o presente, onde se unem pelo sentimento de solidariedade, a fim de conhecer sua história, se fortalecer, criar laços e dar continuidade dessa história, dessa identidade para outras gerações.

4. CONCLUSÕES

Diante do que fora exposto e do que vem sendo observado a partir de perspectiva émica e teórica, percebe-se que existe uma tentativa das mulheres de romper com alguns modelos existentes tidos nesses grupos, buscando ocupar todos os espaços dentro dos afoxés, ainda que nos grupos dos quais façam parte não tenham essa total liberdade de participação por denominarem que alguns não são espaços para o feminino. Bem como explicita Virgínia (2018), durante uma conversa informal sobre a criação do Afoxé Mulher:

Sempre me inquietei muito com a participação feminina nos afoxés elas serem apenas no abê e na dança, nos instrumentos de couro a mulher não pode, porque algumas casas também não deixa que a mulher toque nos ilús que é um instrumentos sagrado e está sendo dirigido por homem, por vários motivos de dentro das casas, mas eu acredito que quando a gente coloca a mulher onde ela quiser, ela se torna muito melhor, o sentido de humanizar e o sentido de realmente de dar a mulher um destaque, é isso!?”.

Em relação a identidade das mulheres nesses espaços, vê-se o quanto as manifestações culturais, ainda agregam no sentido de fortalecer, considerando também o fato das estórias de vida e experiências se entrelaçarem. Nesse sentido, essa pesquisa visa contribuir com um aporte teórico e um saber acumulado no campo da antropologia, buscando ampliar as reflexões sobre gênero e raça de modo a contribuir para o debate no campo da cultura e visibilizar a participação feminina nos Afoxés.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERNAZ, Lady. **Mulheres e cultura popular: gênero, raça, classe e geração no bumba meu boi do Maranhão**. 26^a. Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro: Bahia. 2008.

BARBOSA, Muryatan. **Pan-africanismo e teoria social: uma herança crítica**. África, São Paulo. V.31-32, p.135-155, 2011/2012.

CERTEAU, do Michel. **A Invenção do cotidiano**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Petrópolis, 1998, p.9-32.

___ **Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania.** In: Cadernos Anped – Palestra proferida no 1º Seminário de Formação Teórico Metodológica. São Paulo. 2003.

FILHO, Raphael. **Nem só de afoxés brincam os homens: manifestações carnavalescas negras em Salvador Bahia no final do século XIX e princípios do XX.** Simpósio Nacional de História. Natal: RN, Jul. 2013.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de Amefricanidade.** Rev. TB. Rio de Janeiro, 92/93; jan.-jun., 1988, p.69-81.

GONZALEZ, Lélia HASENBALG, Carlos. **Lugar do Negro.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982, Coleção 2 pontos; v.3, p.9-66.

LIMA, Ivaldo. **Afoxés em Pernambuco: usos da história na luta por reconhecimento e legitimidade.** Topoi, v. 10, n. 19, jul.- dez. 2009, p.146-159.

LIMA, Ivaldo. **Afoxés: Manifestações cultural baiana ou pernambuca? Narrativas para uma história social dos Afoxés.** Revista Esboços, V. 16, n.21, p. 89-110 – UFSC.

NASCIMENTO, do Abdias. **Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões.** Estudos Avançados 18 (50), 2004, p. 209-224.

NASCIMENTO, do Abdias. **Quilombismo: Um conceito histórico-cultural da população afro-brasileira.** Coleção Sankofa, v.4

MONTEIRO, Ester. **Ekodidé: Poder feminino e relações de gênero no contexto dos Afoxés de Pernambuco.** Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008.

MONTEIRO, Ester. **Ekodidé: Relações de gênero no contexto dos afoxés de culto nagô no Recife,** 2010. Cap.4.

MUNANGA, Kabenguele. **Negritude: Usos e sentidos.** São Paulo: Editora Ática.1988. Cap.1 e 2.

PEREIRA, Zuleica. **Perseguida por Agamenon Magalhães: marcas de memória de uma mãe-de-santo Pernambucana.** Revista Symposium, Ano 3, n. Especial, dez., p. 65-70.

RATTS, A. **Afoxé Axé Omo Odé: o “Candomblé de rua” em Goiânia.** GeoTextos, vol. 10, n. 1, jul. 2014. J. Teixeira p.127-147.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica.** Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

SOUZA, Gabriella. **Ao som do Ijexá: Afirmação Política e Expressão Religiosa nos Afoxés de Olinda e Recife – PE.** 2014. p. 67-101.

VIRGINIA, Carmem. **Entrevista I.** Entrevistadora: Renata Mesquita – Recife. 2018.